

Redacção, Administração, Tipografia
CALCANHA DO COMRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officina de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-fei-
ras.—Não se devolvem os originais.—Dos arti-
gos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal,
Lisboa, mês 90\$00; Província, 3 meses 28\$50;
Africa Portuguesa, 6 meses 70\$00; Estrangeiro,
3 meses 110\$00.

QUINTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2055

À MARGEM DO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE PORTUGAL

Considerações oportunas --- Um equívoco?

Vem de realizar o seu 2.º Congresso a Associação dos Professores de Portugal. Modesto, sem espectacularizações dispensáveis, ele sintetizou bem o espírito que deve presidir a essa falange de educadores que, rompendo com arcaísmos, entusiasticamente, se encarnou, na sua função de preparadora intelectual duma geração nova. E porque achamos espiritualmente inestética a escola antiga, rígida e despótica, fábrica de autómatos mercenários obsecados pelas doutrinas dogmáticas das sociedades vigentes, verdadeiras oficinas de mornos sem arte e sem beleza, em que o artefacto, longe de ser um pai espiritual, se caracteriza numa figura rabujenta adequada ao todo escolar: um padre velho, umas carteiras pesadas a que o aluno parece estar apanhado, e de cujo aparafusamento se ressentem a vida e a alma, sempre tímido ou desconexo — por tudo isto, nós rejubilámos quando há poucos anos assistimos à constituição do organismo representativo da nova falange revolucionária do professorado, animados pela convicção de que ela conseguiria transformar o ambiente escolar, modificando a escola antiga, fazendo-a à sua semelhança, dando-lhe foros de laboratório onde, a par da instrução, se ministrasse a educação e se modelassem as almas infantis no sentido de se criar seres.

As proporções do atrazo em que se encontra a escola portuguesa, ressaltam mais quando apreciamos as transformações que lá fora têm sofrido os métodos de ensino. Enquanto que por cá se criam embaraços à adopção da reforma proposta pelo dr. João Camoesas, tornando-a como subversiva, em outros países, onde impera desmascaradamente o conservantismo, isso que, pouco mais ou menos, de lá foi copiado, existe.

Muitas vezes e constantemente o operariado tem afirmado seu desejo de educar-se. As suas escolas, as poucas que os seus parcos proventos e inúmeras dificuldades lhe permitem manter, se não são modelos, representam, pelo menos, um esforço digno de alento. Temos, por exemplo, as escolas da construção civil em Lisboa, mantidas quasi em absoluto com a receita duns recitativos que, mensalmente, aquela classe promove e, além de outras escolas sindicais, temos aquele exemplo admirável dos rurais duma aldeia alentejana que, cheios de entusiasmo, se deram a construir, nas horas vagas do labor obrigatório, um edifício onde instalaram uma escola para os seus filhos.

É esta necessidade sentida de espargir muita luz dissipadora das trevas do analfabetismo em que jaz uma grande maioria da população do país, que nos fez vibrar de contentamento — o contentamento de quem da escola mal conseguiu um deficiente exame de instrução primária sem a conveniente educação — ao assistirmos aos dois congressos já efectuados pela Associação dos Professores de Portugal. A parte as questões meramente de ordem corporativa, admiráveis como afirmação vital duma classe menosprezada nos seus direitos à vida, temos verificado um interesse louvável pelas questões pedagógicas. O professor, o operário do ensino, não se dispõe já a continuar manufacturando a sua materialidade com ferramentas rudimentares e sob métodos vetustos. Oficinas higiénicas, melhor aproveitamento da matéria prima, livre expansão, modelos e ferramentas novas, eis o que ele reclama.

O seu desejo é, revolucionariamente, justo. Não faltará, porém, dificuldades a obstruírem a satisfação deste justo desejo. Algumas previmos nós: dos fornecedores de matéria prima, os conservadores não de vacilar, recusar talvez fornecê-la aos adeptos da escola nova; os rotineiros da educação, os velhos mestres-escola não se adaptaram, também, facilmente, ao espírito renovador e, por outro lado, o Estado por os seus

Isso, todavia, estamos convencidos, não quebrará o entusiasmo à falange que compõe a Associação dos Professores de Portugal.

O operariado constitui vasto campo onde germina uma superabundante matéria prima para as escolas, e é no operariado do campo e das oficinas — aquele que está organizado como classe — que os trabalhadores do ensino têm o melhor apoio para a consecução do resto.

Constituiu para nós surpresa, o facto de um professor propor ao Congresso da A. P. P., que vem de realizar-se, a adesão à Confederação Geral do Trabalho.

Efectivamente o professorado, considerado classe trabalhadora, com interesses e afinidades estritamente ligados às classes manuais, tinha e tem lugar marcado na Central Operária. O facto de o não ter feito até hoje estava perfeitamente justificado pelas suas condições psicológicas e sociais, mas, desde que se constituiu a falange renovadora, essa, bem estaria que se confederasse com as restantes classes produtoras.

Seguimos com interesse o decorrer dos trabalhos do congresso e, por fim, se nos surpreendera a aparição da proposta pró-confederação mais surpresas ficamos com a forma como o assunto foi tratado. Aduziram-se dois pretextos que — permitam-se-nos a franquesa, muito embora possamos ser tomados como suspeitos — julgamos insubsistentes.

O entretanto que de tendências no seio da C. G. T. não deveria servir como elemento de recomendação para um desvio do professorado, posto que, devendo ele ter um critério definido sobre as questões de tática que agitam o mundo operário, integrados como se afirma estar nos ideais emancipadores da Humanidade, o conservar-se neutro, até certo ponto, compromete-o.

A título de elucidação, informaremos que, muito recentemente, os professores da França deram a sua adesão à C. G. T. da rua Lafayette.

Bem sabemos que aquela central operária é reformista. Muito embora, o que é certo é que os professores franceses marcaram, nitidamente, uma posição num país onde mais intensa tem sido a luta das tendências sociais.

O outro argumento é também fustifissimamente. Disse-se: «a Associação dos Professores de Portugal, aderente à Internacional dos Trabalhadores do Ensino, não pode, por esse motivo, ingressar na C. G. T. que é aderente a uma outra internacional». Há, por certo, um equívoco que convém esclarecer. A Internacional dos Trabalhadores do Ensino é equivalente a qualquer internacional de indústria; e algumas existentes: a Internacional da Construção Civil, a Internacional dos Operários da Mobília, a Internacional dos Empregados do Comércio e outras. Isso não obsta a que estas federações sejam parte integrante da C. G. T.

A própria Associação Internacional dos Trabalhadores resolveu em Amsterdão, constituir as secções industriais que outra coisa não são senão as internacionais de indústria.

É natural que amanhã a Associação Internacional dos Trabalhadores — iniludivelmente o único organismo que internacionalmente garante a independência sindical e coordena toda acção no campo da luta de classes — tenha constituída a sua Secção dos Trabalhadores do Ensino. Perguntamos: Qual será, então, a situação da Associação dos Professores de Portugal, composta pela falange de espírito desconfiado? Persistirá em continuar apenas aderente à I. T. E., isolada dos trabalhadores manuais, numa lamentável demonstração de acanhado espírito de classe?

Repetimos: Estamos convencidos de que se laborou em equívoco, aliás remediável. A resolução tomada, porém, em nada afrouxou a multa simpatia que nutrimos pelo professorado da A. P. P.

Santos ARRANHA.

Notas & Comentários

Glória nacional...

A polícia civil de Lisboa e a do Porto, concorreram a uma prova de tiro para as quais — a Morgue que o diga — veem de longa data dando sobejas provas de competência. Do resultado encontro, desta vez meramente desportivo se infere que a polícia de Lisboa está muito mais treinada do que a da cidade Invicta, visto que ganhou com a vantagem da bagatela de 338 pontos. Isto honra sobremaneira a cidade de Lisboa e dá ensejo às inúmeras vítimas, de se sentirem contentes de morrer às mãos duma polícia que é incontestavelmente uma glória nacional.

Columbano

Columbano Bordalo Pinheiro, incontestavelmente o nosso primeiro pintor, foi ontem alvo duma homenagem dos seus amigos, admiradores e de inúmeros artistas. Se as homenagens não estivessem tão banalizadas ninguém melhor do que aquele artista nas mercedarias. A sua modestia, a sua simplicidade longe de prejudicarem o brilho do seu talento antes lho aumentam. Sem espalhafatos, sem alardes, em silêncio no seu atelier, como um ignorado operário numa oficina, Columbano levou uma vida inteira a construir uma obra. E mais feliz do que o operário que, muitas vezes entregando igual amor e carinho nas obras que produz, já mais ascende à celebridade. Entretanto, Columbano é dos que pelas suas qualidades de trabalho consegue dignificar isso que tão desacreditado andava — a homenagem.

Polícia vigarista...

Relataram ontem os jornais — como relatam tanta vez — um caso banal de sonto do vigário no qual entrava como inevitável protagonista um comerciante. Tratava-se dum Piedade habil no manejo do «conto» que pretendia impingir por 4.000 escudos 25 contos de notas falsas. Quando os papalvos já apresentavam os 4.000 escudos para a efectivação da compra, surge a guarda 1804, a paisana, que fingindo intervir no caso, foi arrecadando o dinheiro no bolso. Pelas investigações policiais parece deprender-se que o 1804 estava feito no negócio.

Por este andar acabaremos por não saber, dentro em pouco, se os policiais são vigaristas ou se os vigaristas é que são polícias.

A Rússia dos Soviéticos

A Rússia dos Soviéticos continua a ser para toda a Europa ocidental um ponto de interrogação. Que ela não é o paraíso sedutor cujas delícias os comunistas facciosos cantam em belos garganteados, sabemos

nós. Mas, também deve estar longe de ser aquele inferno povoado de diabinhos sanguinários que os burgueses apregoam. Tudo quanto possa servir de esclarecimento a este mistério é útil e necessário. Reinaldo Ferreira, brilhante jornalista que tem afirmado o seu talento em belas reportagens internacionais e principalmente na sua campanha tenaz contra o Directório espanhol, embarca hoje, pelas 10 horas, no Flandria, com destino à Rússia. Os seus colegas de imprensa fizeram-lhe ontem no «Bristol Club» uma despedida afectuosa, desejando que nas suas reportagens da Rússia, que vai publicar no A. B. C., continue a afirmar-se apenas um bom jornalista, isto é, um homem desapassionado que foque os acontecimentos e os relate sem partidarismo.

Conselhos patronais

O artigo que há dias publicámos sobre o acto eleitoral não teve o condão de agradar ao sr. Eduardo de Freitas. Desses pecados não redimidos um pouco, dizendo que quando o escrevermos não pensámos se agradariam ou não à pessoa que nos escreve uma longa e substancial arrastada, discordando.

Permite-se o sr. Eduardo de Freitas aconselhar-nos, e a todo o momento, na sua carta, nos faz pedidas tendentes a convencer-nos de que só ele percebe de sindicalismo e que nós andamos de candeias às avarças com a lógica. Seria o sr. Eduardo de Freitas, mais proletário, mais sindicalista do que nós?

Não. Não era o sr. Eduardo de Freitas pertence à classe burguesa, como bom industrial que é, importa tirar-lhe uma ilusão que transparece na sua longa carta: o facto de ser patrão numa oficina não dá direito a ser patrão do sindicalismo. Os seus conselhos patronais são muito interessantes, e seriam mesmo dignos de ser aceites se nós fôssemos também patrões ou se a Batalha em vez de ser órgão da C. G. T., fosse o porta-voz das opiniões do distinto industrial sr. Eduardo de Freitas.

O nosso artigo não pretende tampouco prejudicar qualquer ambição eleitoral do sr. Freitas, visto que tanto nos faz que ele pretenda ser deputado como que as suas ambições se cifrem à prosperidade da sua oficina.

O ódio religioso

BUCAREST, 12.—Foi proclamada a lei marcial no departamento de Fochani em consequência da agitação anti-semita.

A derrota dos franceses na Síria

PARIS, 12.—Painlevé declarou à saída do conselho de ministros que as perdas francesas na Síria são inferiores a 800 mortos, feridos, prisioneiros e desaparecidos. O chefe do governo declarou ainda que vai ser enviada uma coluna em socorro do posto da Soueida que se encontra cercado.

A MORAL RELIGIOSA Um padre e um sacristão que atentam contra menores

O padre Joaquim Mesquita dos Santos parece querer conquistar a celebridade. Do seu «humanitarismo» já nós sabemos. Da sua moralidade vamos agora dar conhecimento aos nossos leitores.

O reverendo Mesquita é acusado em Castelejo, concelho do Fundão, onde se encontra, de seduzir menores.

Uma dessas menores recusou prestar-se a satisfazer os ignóbeis desejos do padre e o caso deu escândalo. O bispo da Guarda, a quem já têm sido formuladas acerbas queixas contra o reverendo, resolveu fingir que se preocupava muito com a moralidade dos ministros de Deus e ordenou uma sindicância, perfeitamente igual a muitas sindicâncias que se fazem neste país com o objectivo de ilibarem os culpados.

O indicante que é também padre e sabe, manter bem vivos os elos de cumplicidade que une a «digna família religiosa», limitou-se a ouvir três mulheres que são afeccionadíssimas ao sacerdotal.

O resultado da sindicância vai ser favorável ao padre Mesquita. Este já o declarou publicamente.

Não estranhemos que tal facto se dê. A longa história da igreja indica-nos que as coisas não se deviam ter passado doutra maneira. Quanto às menores de que o padre abusou, a culpa não é dele, mas dos pais que as deixam ir à igreja, o que equivale a entregarem-lhas.

Em Santo António do Estoril apareceu agora um sacristão a fornecer-nos mais uma prova de que a educação religiosa é inspiradora das acções mais nobres e mais dignas. Santo António do Estoril é um magnifico centro de fanatização católica. As senhoras chics que estão a veranejar naquela terra, almas perturbadas com crises dum alto refinamento moral, têm ali afofado muitas crianças, acenando-lhes com bolos e guloseimas, a fim de as embrutecer nas doutrinas do «bom Deus».

O sacristão há dias mandou chamar à igreja a menor de 12 anos, Maria José, filha de Estevão José, empregado nos banhos do parque Estoril, e empregando a força, tentou violá-la.

A menor gritou e resistiu não tendo o sacristão pôto em prática os seus «católicos» desígnios. Depois, ameaçou-a de morte se viesse a contar o que se tinha passado e ofereceu-lhe cinco escudos.

As senhoras religiosas que ali atraem as crianças para salvar-nos a honra do convento ameaçado com o escândalo, fizeram com que o sacristão debaixasse para pará-lo desconhecido.

Quando o pai da melhor soube do caso já o sacristão tinha seguido e acatado o conselho das senhoras religiosas e chics. Tem-se procurado abafar o escândalo, mas alguns dos pais já retiraram as crianças da igreja, convencidos de que a culpa é deles que as deixam ser arrastadas pelas tais damas que se afigem muito com a moral dos outros, porque a sua está protegida por Deus e Deus é bom e perdoal!

A guerra de Marrocos

As bravatas da imprensa burguesa...

PARIS, 12.—«L'Echo de Paris» diz que o marechal Petain regressará brevemente a Marrocos a fim de sancionar a nova organização da linha de batalha marroquina.

Todos os jornais estão convencidos de que, em consequência da obstinação de Abd-el-Krim em querer ignorar as condições de paz da França e da Espanha, os dois países consideram o há como rebelde, com ele apenas tratando depois de ter sido vencido.

O «Excelsior» diz que em breve lhe será enviado um ultimatum.

Aos Sindicatos Marítimos

NOTA OFICIOSA

O Comité Confederal, em virtude da Federação dos Trabalhadores Marítimos ter resolvido suspender as suas relações com a Confederação Geral do Trabalho e por esse motivo não requisitar expediente para as cobranças, convida todos os sindicatos marítimos que não concordem com tão insólita atitude a requisitarem directamente ao Comité Confederal os selos-cotas e mais expediente de que necessitem.

O COMITÉ CONFEDERAL

Os pedagogos e a Rússia

MOSCOW, 12.—Chegaram 38 pedagogos franceses, alemães e belgas, que vêm estudar a instrução pública na União das Repúblicas Socialistas dos Soviéticos Russos.

O II CONGRESSO DA INDÚSTRIA DE TANOARIA

Na 4.ª sessão foram apreciadas várias teses interessantes entre elas, a de «conselhos técnicos, conselhos de oficina e estatística sindical»

A 4.ª sessão teve início às 20 horas, comparecendo todos os congressistas.

Joaquim António dos Reis demonstra, depois de a ler, o grande valor da tese Os bolsins de trabalho e a sindicalização na indústria vinícola, que termina por concluir:

1.º—Constituir imediatamente os imprescindíveis bolsins de trabalho em todos os sindicatos da indústria, que terão por missão principal:

a) Registrar em livro próprio para esse fim adquirido, o nome de todos os componentes do sindicato onde estiver instalado e bem assim, o movimento de oferta e procura dos desempregados e ainda o de todas as oficinas da sua localidade.

b) Tomar a seu cargo a colocação, por ordem numérica da inscrição, dos desempregados e, atender a qualquer pedido ou reclamação que se relacione com a sua missão tendo sempre em vista os princípios preconizados pela organização operária portuguesa.

Tavares Adão entende, em consequência da tese vir satisfazer uma das grandes aspirações da classe, que ela deve ser aprovada integralmente.

Eduardo Domingues, referindo-se ao horário de trabalho, chama a atenção do Congresso para este tão momentoso assunto, devendo-o tratar com interesse e elevação. Emílio Rodrigues aponta como um dos principais factores da crise de trabalho, o excesso de horário.

Tavares Adão crê desnecessário o Congresso ocupar-se desta questão, visto que aos sindicatos é que cumpre fazer respeitar o referido horário, agindo por todas as formas ao seu alcance.

Assim se delibera, sendo a tese aprovada por unanimidade, seguindo-se a leitura da tese A higiene e a salubridade nas oficinas, que foi aprovada por unanimidade e quasi sem discussão.

São estas as conclusões:

1.º—A Federação encetará uma campanha quer na imprensa, quer na tribuna a favor da demolição de todas as oficinas que não ofereçam condições higiénicas e de salubridade, chamando a atenção de quem de direito para este assunto especialmente as autoridades sanitárias.

2.º—Reclamar dos industriais e exportadores a construção nos respectivos estabelecimentos de trabalho, oficinas e armazéns, de banheiros, refeitores, etc., que ofereçam uma séria garantia de salubridade e higiene.

3.º—Insistir ante o patronato para ser feita limpeza diária nas oficinas, e para que as mesmas sejam caídas uma ou duas vezes no ano pelo menos.

4.º—Recomendar aos operários desta indústria para que exerçam uma pressão constante sobre o patronato para se alcançar o mais breve possível a satisfação destas reclamações.

5.º—No caso de resistência do industrialismo ao cumprimento da matéria desta tese, os sindicatos procurarão retirar os operários das oficinas que menos condições de salubridade possuam, impedindo que os seus componentes lá trabalhem.

A seguir entra em discussão a tese da Associação de Classe dos Operários Tanoeiros e Serradores Mecânicos do Porto e Gaia. Os conselhos técnicos, os conselhos de oficina e a estatística sindical na indústria vinícola em Portugal, da qual extraímos os seguintes números e alíneas:

Exposta — embora laconicamente — a razão da existência dos conselhos técnicos e dos conselhos de oficina entendemos que a sua constituição na indústria vinícola se faz imperiosamente sentir pelo seguinte:

a) Para a acção permanente e imediata; b) Para garantia da continuidade da produção, durante a revolução social e após o triunfo da mesma, resolvendo-se assim o problema mais difícil para a eclosão revolucionária;

c) Para entendermos que são estes organismos as células a cargo de quem deve ficar a gestão social depois de derrubado o actual sistema político, burguês e estatal.

Referentemente à estatística, julgamos de enorme vantagem para a nossa indústria a criação de estatísticas o mais completas possível de produção e do consumo, assim advogamos que com a criação duma comissão junto da Federação e de sub-comissões uma em cada sindicato, se pode fazer a perfeita estatística de tudo que se produz e se consome na indústria vinícola portuguesa.

Logo, pois, somos de parecer que devem ser criadas a comissão e sub-comissões de que falamos e que tenham a seguinte missão:

1.º—As sub-comissões criadas em todos os Sindicatos têm por fim lançar mensalmente uma estatística, que enviarão imediatamente à comissão central que funcionará na sede da Federação, informando-a do seguinte:

a) Quantas vasilhas se fabricaram durante o mês de;

b) Discriminar as suas dimensões;

c) Discriminar a qualidade respectiva das madeiras com que foram fabricadas, tendo o cuidado de informar-se: são nacionais ou estrangeiras;

d) Quantas vasilhas se concertaram, informando quantas eram de torna-viagem;

e) Quantos operários se empregaram neste serviço;

f) Quantos dias trabalharam durante o mês de;

g) Quanto receberam de salário durante o mesmo mês;

2.º—Além do que fica expresso podem ainda as sub-comissões de que trata o n.º 1.º e que são as dos sindicatos de tanoeiros, informar o mais que julgarem útil.

3.º—As sub-comissões dos sindicatos dos trabalhadores de armazéns têm por missão: elaborar igual estatística à criada pelo n.º 1.º e seguindo o mesmo princípio informar mensalmente a comissão central de:

a) Que quantidade de vinho receberam os armazéns durante o mês de;

b) De que qualidade era e qual a sua proveniência;

c) Que quantidade de vinho exportaram durante o mês de;

d) Quais as suas qualidades;

e) Qual o seu destino?

4.º—Na estatística a enviar à comissão central deve ainda informar-se o serviço de cada armazém ou oficina.

5.º—As sub-comissões dos sindicatos dos trabalhadores guiam-se também pela matéria do n.º 2.º destas conclusões.

6.º—Para boa interpretação e boa regularidade do serviço de estatísticas os sindicatos criarão uma comissão de informação em cada oficina ou armazém que tem por dever informar semanalmente a sub-comissão do movimento da casa onde trabalham.

7.º—A comissão central tem por dever:

a) Elaborar trimestralmente uma estatística geral do movimento da indústria vinícola portuguesa.

b) Publicar na íntegra no órgão da Federação na imprensa.

c) Fornecer-lhe para elucidação por intermédio da Confederação Geral do Trabalho e do seu órgão, a organização operária e a Associação Internacional dos Trabalhadores.

8.º—Logo que as circunstâncias o permitam poderá a Federação alargar a acção da comissão e sub-comissões procurando contudo não ir de encontro ao espírito desta tese.

Depois de António Joaquim dos Reis exaltar o valor técnico e ideológico que se nota na tese, e de algumas referências elogiosas de Manuel Pinto, Manuel Rodrigues Adegas e outras, o citado trabalho é aprovado por unanimidade, pelo que entra em apreciação a tese da Comissão Administrativa da Federação — O trabalho das mulheres e menores nos armazéns e oficinas, que conclui:

1.º—Que o trabalho das mulheres seja pago por igual salário ao do homem.

2.º—Que o horário das mulheres e menores nunca possa, seja em que circunstâncias for, atingir um limite superior a 8 horas.

3.º—Que sejam desde já abolidos os seiores.

4.º—Que durante o período da gravidez sejam completamente impedida de trabalhar pelo menos quatro meses antes do parto e outros quatro depois, sendo-lhes pago pelo respectivo patrão, meio salário durante este período.

5.º—Que os menores com menos de 14 anos não possam ingressar nas oficinas ou armazéns, sendo condição indispensável que nesta idade saibam ler e escrever.

6.º—Que o recrutamento de aprendizes se faça exclusivamente por intermédio do bolsim de trabalho.

Tavares Adão e Eduardo Domingos fazem diferentes referências ao trabalho da mulher, defendendo a tese.

Silva Campos, secretário geral da C. G. T., alude ao papel importante que o elemento feminino tem desempenhado nesta sociedade, substituindo o homem, principalmente quando é forçado a abandonar a sua terra, o seu país, nos serviços do campo, da indústria e do comércio; sucede até, mesmo fora deste caso, a ir para qualquer mister sujeitar-se a ganhar muitíssimo menos, na persuasão de que vai auxiliar a família, quando da realidade dos factos resulta que a vem prejudicar, visto que, não tendo quaisquer regalias, quaisquer vantagens, a profissão sofre um abatimento moral, técnico e material que relaxa a indústria e, portanto, a justa remuneração dos serviços masculinos.

Em nenhum país como em Portugal a mulher é tão vexada; e no entanto, não é admissível que a mulher, trabalhando tanto ou quasi como o homem, seja explorada tão miseravelmente. É necessário, pois, estabelecer idênticos direitos, para os quais os trabalhadores do sexo masculino devem contribuir com os seus esforços, fazendo-as respeitar até para seu próprio interesse, visto que muitas vezes é a sua mesma esposa, filha ou irmã.

António Joaquim dos Reis entende que o artigo 5.º da tese deve ser incluído na discussão da tese Instrução e Aprendizagem na Indústria.

A tese em discussão é aprovada, excluindo as conclusões 5.ª e 6.ª, que por proposta de Tavares Adão, transitam para o trabalho sobre instrução e aprendizagem.

Ódio de raças

NEW-YORK, 12.—Nos arredores de Excelsior Spring, no Estado de Missouri, uma multidão de 1.000 pessoas linchou um negro acusado de ter cometido violências sobre uma rapariga branca.

Um fracasso da Ku-Klux-Klan

NEW-YORK, 12.—Nos arredores de Massachusetts deu-se um grave conflito com os membros da Ku-Klux-Klan que estavam realizando um comício numa herdade.

O povo dos arredores cercou a herdade, apunhando-os. Os filiados na Ku-Klux-Klan dispararam sobre a multidão que ripostou.

Chamada a força pública esta pôs termo ao conflito e cercou a herdade, prendendo 75 membros da Ku-Klux-Klan.

A peste no Pireu

BELGRADO, 12.—O governo ordenou o encerramento da fronteira grega, em consequência de terem sido assinalados vários casos de peste no Pireu.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

O MONOPÓLIO DAS ÁGUAS

Vai ser hoje proposta no Senado a sua supressão

O parlamentar sr. João Carlos da Costa, que bastantes vezes tem abordado o problema dos abastecimentos das águas à cidade, vai hoje apresentar no senado um projecto de lei acabando com o monopólio que a Companhia das Águas possui. Esse projecto de lei é do seguinte teor:

Artigo 1.º—Nos termos da base 17.ª do contrato de 27 de Abril de 1897, e base 5.ª do contrato de 18 de Julho de 1898, e no prazo fixado nesta lei, o governo fará a remissão dos contratos existentes entre elle e a Companhia das Águas de Lisboa.

Art. 2.º—O governo nomeará uma comissão, composta de: um juiz indicado pela Procuradoria Geral da República, dois engenheiros, um médico, um geólogo, um contabilista e um funcionário superior da Direcção Geral da Contabilidade Pública, a qual dentro de 30 dias após a sua nomeação habilitará o governo com todos os elementos para a remissão dos contratos e para tomar conta dos serviços de abastecimentos de águas à capital.

Art. 3.º—As importâncias necessárias para o pagamento a que se refere a condição 5.ª do contrato de 18 de Julho de 1898, saíram do fundo proveniente do aumento de 440 no preço do metro cubico de água, a que se refere o decreto n.º 8.634 de 10 de Fevereiro de 1923, e a anuidade de que trata a base 17.ª do contrato de 1897, será satisfeita pela verba destinada ao pagamento do excesso de consumo.

§ 1.º—Os saldos destas receitas e as importâncias que forem cobradas até a revogação do aludido decreto n.º 8.634, serão applicados à execução da lei n.º 363 de 31 de Dezembro de 1924.

§ 2.º—E' revogado o decreto n.º 8.634 de 10 de Fevereiro de 1923.

Art. 4.º—Todos os serviços de abastecimento de águas à cidade e às obras, sanitários, etc., que pelos aludidos contratos de 1897 e 1898 devem passar à entidade que fizer a remissão estarão na posse desta, 60 dias após a publicação desta lei.

Art. 5.º—O governo garantirá, tanto quanto possível, a situação dos actuaes operários e empregados da Companhia, como assalariados e contratados.

Art. 6.º—O governo, depois de feita a remissão dos contratos, passará para a Câmara Municipal o serviço de abastecimento de águas.

Art. 7.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Um reparo nos permitimos fazer desde já. E' que no projecto afirma-se que o governo garantirá, tanto quanto possível, a situação dos actuaes operários e empregados da Companhia. E' este «tanto quanto possível» é bastante vago, tudo permite, não impedindo sequer que os operários e os empregados sejam lançados para o esquecimento e para a miséria.

O senado recusará o seu voto à supressão deste monopólio, provavelmente...

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horario de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade tar-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

SOLIDARIEDADE

Pro José da Silva Costa

Como já temos tornado publico em A Batalha encontra-se gravemente enfermo, vítima duma doença—a tuberculose—obtida como resultado da sua dedicação à causa dos trabalhadores, o nosso camarada José da Silva Costa, activo militante da Juventude Sindicalista e da organização sindical.

Em virtude da gravidade do seu estado que, segundo a afirmação duma entidade medica, especializada no tratamento da doença, exigia a sua imediata saída de Lisboa para um ponto da provincia onde José da Silva Costa pudesse respirar ar puro e saudável, ter boa alimentação e absoluto repouso, longe das lutas que o reduziriam aqúelle estado, além do necessário tratamento medicamentoso, esta comissão, composta por camaradas, viu-se forçada a contrair um empréstimo que lhe permitisse atender a essa imprescindível necessidade e às despesas futuras respeitantes a sua estadia na provincia.

Agora, não só para atendermos ao pagamento desse empréstimo, como ainda para atendermos às despesas que estão tendo lugar com o tratamento daquele camarada e porque o produto que se obtem com listas de subscrição voluntária não nos permite dispensar este meio, vimos-nos forçados a promover a realização duma festa cujo produto venha ao encontro das necessidades a que esta comissão tem de atender.

A festa terá lugar imprimeiramente em 30 do corrente mês, encontrando-se os bilhetes à venda desde já na sede do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, calçada do Combro, 38-A, 2.º, todas as noites das 20 às 23 horas. Estamos certos que todos os camaradas adquirirão bilhetes, auxiliando assim um camarada, desde que se lembrem que a sua vida depende da solidariedade que lhe for dispensada.

Esta comissão recebeu ontem a quantia de 12800 proveniente duma quete tirada no Manicómio de Lisboa.

A comissão reúne hoje, pelas 20 horas em ponto.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço \$50.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço \$50.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço \$600.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. (Desconto aos revendedores).

NA PENITENCIÁRIA

Os reclusos são desumanamente explorados pelos arrematantes das oficinas

A Batalha de 25 de Julho transacta publicou, na sua secção de «A Vida Sindical», uma comunicação da Federação Mobiliária, cuja comissão administrativa apreciava um officio do Sindicato dos Cesteiros de Gonçalo, resolvendo aguardar novos elementos a fim de tratar da questão do trabalho na Penitenciária.

Supondo que a falta de elementos a que alude a comunicação, sejam esclarecimentos tendentes a pôr a nu a ignóbil exploração a que os reclusos estão sujeitos nas oficinas de cestos desta Cadeia, como, aliás, em todas as oficinas arrematadas — presto-me a fornecer-las.

Para boa compreensão do assunto, principiarei por dizer que os reclusos se encontram à mercê da generosidade dos senhores arrematantes das oficinas, que apenas são obrigados, por contrato com a direcção da Cadeia, a pagar-lhes o salário na seguinte proporção:

Noventa dias de aprendizagem inicial não remunerada, findos os quais se auferem, em igual espaço de tempo, \$50 diários, passando-se successivamente de três em três meses a auferir \$100, \$150 e \$200, salário máximo que se estabelece até ao fim da sentença, se o recluso, por qualquer circunstância, não mudar de officina.

Estes «fabulosos» salários são divididos em quatro partes iguais, cabendo ao recluso uma dessas partes para pagamento do vestuário que a casa lhe fornece e cuja importância nunca é inferior a duzentos escudos. Há ainda outra quarta parte para a mulher ou filhos dos reclusos que se habilitam a recebê-la.

Claramente se vê que, em especial para os reclusos de pouca sentença a cumprir, o tal salário é como se não existisse, pois, o tal recluso não interrompe durante dois ou três anos ainda ficam a dever à «Casa» um casaco de zarte ou uma camisa.

Para estimular os reclusos ao trabalho, há uma gratificação que estando fora do contrato, fica, por esse motivo, ao livre arbitrio dos roceiros de Campolide.

Eslareçamos: Na Cadeia Nacional existem duas officinas de cesteiros. A n.º 2 e 3, arrematada ao sr. Joaquim António da Silva, (o Salvo), e a n.º 11 e 12, arrematada à viúva e filhos de Joaquim Rodrigues Eugénio.

Falarei do primeiro arrematante, pois que, como ex-assalariado que dele fui, melhor lhe conheço as manhas.

As gratificações oscilam entre um escudo e cinquenta e 7500 diários, auferidos os mais altos, os reclusos que se tuberculizam em poucos meses, num trabalho exaustivo.

Ai vão exemplos:

Um fauteuil tecido, leva dez escudos de vime — quatro quilos a 2\$50 — que somados com 15\$00 de mão de obra — dia e meio de trabalho contado pela mais alta gratificação, incluindo o salário máximo, perfaz 2\$500. São vendidos a \$5! Apenas o dobro!

Um cabaz n.º 8 leva quilo e meio de vime, 3\$75. Salário e gratificação 2\$20. Tinta e verniz, \$20. Total, \$615. São vendidos a 11 escudos para revender. Aqui é mais modesto o sr. Silva. Contenta-se com um lucro de 78 %. Verificando-se que os cinquenta reclusos que trabalham na sua officina lhe produzem, em média, mil e duzentos cabazes e cem fauteuils por mês, constatamos um lucro nunca inferior a oito mil escudos nesse espaço de tempo.

Para uma roça tão pequena, devemos concordar que não é nada mau! Note-se que o sr. Silva é também arrematante das officinas de cestos da Cadeia de Monsanto, onde paga muito pior. Aqui, se o recluso é castigado por qualquer falta cometida na officina ou fora dela, depois de cumprir o castigo é transferido de serviço. Assim, aqueles que antes de serem castigados, ganhavam 4 ou 5\$00 de gratificação diária a fazer cadeiras, passam depois a fazer cestos, na categoria de aprendizes, o que lhes rende, na melhor das hipóteses, 1500 ou 2000.

Há trabalho de empreitada e de jornal. Se o recluso está trabalhando de jornal, é-lhe dada uma gratificação de forma a nunca exceder a tabela da empreitada. Mas não ficam por aqui as proezas do sr. Silva.

Não contente com o pequeno lucro que lhe dá a «arrastadíssima» industria que explora, vá de congeminar na melhor maneira de garantir a inextinguibilidade da mina.

Saíu do cérebro deste «honrado» traficante a seguinte fórmula:

Verniz de Spigue 1 quilog.

Acido nítrico 100 gramas.

Agita-se antes de usar e... pintam-se os cabazes. E' claro que a acção corrosiva do ácido os põe em estado comatoso no fim de pouco tempo.

E' inverosímil, mas eu possuo um frasco com um pouco desta mixórdia. De resto, estou habilitado a provar tudo quanto digo. E para terminar, ocorre-me uma pergunta: Porque não toma conta de todas as officinas a direcção da Cadeia Nacional, como fez a algumas da industria mobiliária onde o trabalho dos reclusos é muito mais bem pago e menos exgotante?

E' tempo de correr com esta caterva de «videlinhos» que assentou arrais na Penitenciária.

Um RECLUSO.

Rendimentos dos operários

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu depois a casa, Avelino Rodrigues de Almeida, de 46 anos, natural de Sinfães, carroceiro, morador na travessa da Mitra, 5, Póço do Bispo, e que ali foi colhido pela carga de que era condutor, ficando ferido no pé esquerdo.

No Banco do hospital de São José foi pensado recolhendo em seguida a casa, António Luís, de 35 anos, natural de Alcobaca, morador na calçada Moimho de Vento, 43, loja, servente de pedreiro, e que, nas obras do novo Manicómio, no Campo Grande, caiu dentro de uma barreira, ficando ferido na cabeça e contuso no torax.

Cadáver reconhecido

Na morgue foi ontem identificado aquele rapaz que ali dera entrada por ter sido encontrado a boiar à tona de água na Cruz Quebrada, onde se supõe tivesse ido tomar banho. Chamava-se Manuel Abreu, contava 17 anos, natural da Guarda, serralleiro, e residia na Estrada dos Prazeres, 105.

UM ESCANDALO?

Em volta dum concurso de cantaria para o palácio do Congresso

Com este titulo publicamos em A Batalha de 8 do corrente um artigo onde fazíamos umas leves referencias à forma pouco digna como foi aberto o concurso para fornecimento de cantaria para o edificio do congresso, e onde prometíamos não largar o caso, sem que fossem esclarecidos os motivos porque se procedeu por uma forma tão ilegal.

Passaram-se dias, e até agora ainda nada nos foi possível saber, continuando o caso a estar envolvido no mistério, pois que, segundo nos consta, a proposta porque o trabalho foi adjudicado não era das mais baixas.

Dissemos e continuamos a manter que se havia o propósito de dar o trabalho a quem foi dado, escusado se tornava chamar mais concorrentes, pois que estes têm todo o direito de saber o preço por que o trabalho foi adjudicado.

Não queremos ser tomados como comparsas nesta comédia que se está representando, motivo porque desejamos saber porque não foram convidados os concorrentes a assistir à abertura das propostas, como era razoavel que fosse.

Diz-se e com certo fundamento que o sr. José Miguel Correia já sabia de antemão que o trabalho lhe seria dado, motivo porque já tinha mandado fazer algumas pedras, das que fazem parte do concurso.

Não saberá disto a comissão administrativa do Congresso?

Não sabe também a comissão administrativa que por parte do sr. José Miguel, se tentou subornar os restantes concorrentes, oferecendo-lhes alguns milhares de escudos, para assim o mesmo senhor poder fazer o seu jogo mais à vontade?

Que grande interesse haveria em que o trabalho fosse parar onde foi. Mistério que nós desejamos ver desvendado.

Consta-nos também que já em 1924 o industrial em questão concorreu ao mesmo fornecimento. Não se poderá também saber o preço da proposta desse tempo?

Prova-se como está que não se procedeu dentro das normas legais do concurso, por que se não anulou o dito, fazendo-se novamente outro, mas com a presença de todos os concorrentes, no dia e hora determinadas?

Quanto a nós tudo nos leva a supor que as propostas apresentadas fossem abertas sem conhecimentos da comissão administrativa do congresso, apenas para beneficiar o industrial José Miguel Correia em prejuizo dos restantes, o que a passar-se representa um abuso indigno da parte de quem o cometeu.

Haverá mistério? E' o que esperamos saber, sem o qual continuaremos ficando o facto até seu completo esclarecimento.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Na Morgue deu entrada Clementina Maria da Silva Anjos, de 39 anos, moradora na rua do Arco, 18, loja que ali faleceu subitamente.

FUNERAIS

Depois de se ter realizado a autópsia no Instituto de Medicina Legal, saiu pelas 10 horas, daquelle estabelecimento para o cemitério oriental, o funeral do guarda civico 965, Francisco Martins Canhoto, da esquadra do Pórtio de Lisboa, que, como noticiamos, há dias caiu da muralha de Alcântara ao rio.

Realiza-se hoje, pelas 14 horas, o funeral do operário serralleiro José Gouveia, que foi morto à navalhada num baile ao Alto dos Sete Moimhos.

O préstio fúnebre sai da Morgue para o cemitério de Benfica.

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, o funeral de Manuel Nepomuceno Ajuda, sócio fundador da Associação dos Carpinteiros e pai de Grimaldo Ajuda.

O funeral sai da rua Particular, aos Prazeres, 15, loja para o cemitério da Ajuda.

Agressão

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo e seguiu depois para casa Mário Raúl da Conceição, de 25 anos, natural de Lisboa, entalhador, travessa de São Bernardino, 29, loja, que foi agredido no largo do Mito, ficando ferido com uma facada na tado direito do torax.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Demerara» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos e Argentina efectuando-se a última tiragem da correspondência às 11 horas e para os registos recebe-se até às 9 horas.

DE TARDE ÀS 3 HORAS

TIVOLI

TEL. N. 5171

A morte de Shakleton

Documentaria em 4 partes.

O testamento do capitão Applejack

Cine-comédia em sete partes

Uma revista de actualidades

Um jornal de modas

DE NOITE ÀS 8 3/4

EDEN THEATRO

HOJE—A maravilhosa «féerie»

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

ampliada com o gracioso episódio

original de André Brun

BREVEMENTE—Um novo quadro de comédia

Os deportados

Uma «démarche» de suas famílias junto do governo e de vários parlamentares

As famílias dos deportados procuraram ontem no parlamento o presidente do ministério, a fim de lhe pedir que fizesse cessar uma situação ilegal e iníqua. O presidente do ministério não só pôde receber enviando o seu secretário que lhes declarou que seria feito tudo o que fosse possível.

As famílias avistaram-se também com o dr. sr. José Domingues dos Santos que, depois de afirmar que tem tratado do assunto, declarou que continuaria enviando todos os esforços para que fosse reparada a grave injustiça cometida.

O dr. sr. João Camoazes afirmou-lhes que estava convencido de que dentro em breve a situação dos deportados seria modificada.

Sociedades de recreio

Sociedade Musical Cruz-Quebradense—Realizam-se nos próximos dias 15, 16, 17, 22, 23, 24, 29, 30 e 31, no Parque Mira Torres da Cruz-Quebrada, as festas anuais promovida por aquela Sociedade.

A sua banda de música será coadjuvada pelas bandas operárias de Parede, Linda-a-Pastora, Carnaxide, Odivelas, Oeiras, Estoril e Incrível Almadaense. Os festejos constarão de: quermesses, cavalhadas e outras diversões.

Academia Filarmónica «Verdi»—Promovida pela Tuna Recreativa Tondelense realiza-se no «Parque Verdi», no próximo domingo, uma festa de confraternização com o concurso da Sociedade Musical «Instrução Libertada».

A banda da Academia irá receber a repêrida Tuna a Campolide, às 10 horas, seguindo para a sede, na Rua do Arco do Carvalho.

Seguir-se-há um sarau ao ar livre com números desportivos e acrobáticos, com baile intercalado. Às 18 horas, concerto pela S. M. «Instrução Libertada»; às 20, saudação pela Tuna e pela Academia à Sociedade Musical; e às 21 horas, despedida da Tuna, com uma marcha luminosa.

Durante o dia «pic-nic» de confraternização entre os sócios, e suas famílias, das sociedades promotoras.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Marítimos da Foz do Douro

Comemoram o seu 6.º aniversário no próximo domingo, no Parque Silva Porto, em Benfica, as interessantes festas de carácter regional que o Grémio do Minho ali está realizando a favor do seu fundo de beneficência e das famílias dos naufragos da praia de Ancora e Aresoa.

No dia 16 apresentar-se-há pela primeira vez a estúrida minhota composta de gaia de foles, cavaquinhos, harmónios e «Zés Pereira».

Grupos de meninas farão a venda da flor. Abrihanta a festa uma banda de música, continuando a entrada a ser absolutamente franca.

INSTRUÇÃO

Vai ser elevado a central o liceu de Setúbal, pois que a respectiva Câmara Municipal se responsabiliza pelas competentes despesas.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

CÂMARA MUNICIPAL

Na sessão de ontem da comissão executiva foram nomeados definitivamente 1.º e 2.º comandantes do Corpo Municipal de Salvação Pública, respectivamente os srs. António Rodrigues Alves e Luís Caetano Pereira de Carvalho.

Pró-«A Batalha»

Num almôço realizado em Sintra no passado domingo, por um grupo composto de Viriato Holbeche, Francisco dos Santos, Joaquim Nunes, António Alves Rodrigues, Miguel Marques, Ernesto Pires, António Martins, Amadeu Henriques, João Júnior, Joaquim Fernandes, foi tirada uma quete, da qual resultou a quantia de 17\$00, para auxilio do nosso jornal, que foi muito saúdo.

Coliseu dos Recreios

Kawamula — Grunewald

Gonçalves — Ochôa

Stolzenwald — Saint Mars

Estreia dos célebres cantores e dançarinos

MAYA e AFGAR

A noite de hoje no Coliseu dos Recreios é admirável de arte, alegria, emoção e entusiasmo. Além da estreia dos célebres cantores e dançarinos hindustânicos Maya e Afgar, a primeira conhecida pela «bailarina da voz de ouro» e o segundo que, com a primeira, executa a maravilhosa lenda fantástica típica oriental A densa e fakir apresentada com um cenário e um guarda-roupa deslumbrantes.

No torneio internacional de luta tomam parte em «jû-jitsu» o célebre japonês Kawamula contra o musculoso alemão Grunewald e em greco-romana o notável campeão português Manoel Gonçalves contra o valentíssimo espanhol Ochôa e o herculéo alemão Stolzenwald contra o irritante e violento belga Saint Mars. São três combates cheios de sensação.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Reclames

Estão a ser cada vez mais sensacionais os combates de luta que estão a realizar-se no Coliseu dos Recreios. Nos de hoje tomam parte em «jû-jitsu» o japonês Kawamula contra o alemão Grunewald, e em luta greco-romana o campeão Manoel Gonçalves contra o espanhol Ochôa e o alemão Stolzenwald contra o belga Saint Mars. Na parte das variedades faz-se a estreia dos cantores e dançarinos hindustânicos Maya, a «bailarina da voz de ouro» e Afgar que executará a lenda fantástica típica oriental «A densa e o fakir» que será apresentada com um cenário e um guarda-roupa riquíssimos.

São de verdadeira maravilha as noites no Eden-Theatro, onde se exhibe, com o maior dos sucessos, a revista-fantasia «A cidade a gente se aborrece», acrescida ainda do episódio «A Bical».

Uma agressão

Deu entrada na sala de observações Manuel Grazina, de 30 anos, policia 1097, residente na Estrada de Sacavém, 237, que, quando atravessava a quinta da Assunção em direcção a casa, foi assaltado por 5 indivíduos que o empurraram por um ribeiro, onde o mesmo caiu, ficando com a perna e o braço esquerdo fracturados além de vários ferimentos pelo rosto.

QUEDAS

Na enfermaria de São Fernando do hospital do Desterro, deu entrada Manuel Braz, de 20 anos, natural de Maíra, jornalista, residente em Queluz, e que naquela localidade, caiu de uma mural, fracturando o braço direito.

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e recolheu a casa, Luís Pinto Gonçalves, de 21 anos, natural do Porto, estudante, residente na rua Particular A S e que, na Junqueira, caiu de uma bicicleta ficando ferido na cabeça e contuso no torax.

AGREMIÇÕES VARIAS

Grémio do Minho.—Continuam no próximo domingo, no Parque Silva Porto, em Benfica, as interessantes festas de carácter regional que o Grémio do Minho ali está realizando a favor do seu fundo de beneficência e das famílias dos naufragos da praia de Ancora e Aresoa.

No dia 16 apresentar-se-há pela primeira vez a estúrida minhota composta de gaia de foles, cavaquinhos, harmónios e «Zés Pereira».

Grupos de meninas farão a venda da flor. Abrihanta a festa uma banda de música, continuando a entrada a ser absolutamente franca.

Empregados de escritório

Em face da resolução tomada na última assembleia desta classe, que aprovou a suspensão temporária da cotização para a C. G. T. e C. S. T. L., reúnem-se hoje, às 21 horas, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, os associados da mesma colectividade que se encontram em desacordo com a dita resolução. Nesta reunião se marcará uma attitudé a adoptar ante o atentado de princípios que naquella assembleia se mareou.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Secção Telegráfica

C. G. T.

SINDICATO CORTICEIRO ALDEGALGA

Recebemos officio de adesão ao congresso, dinheiro não recebemos.

MINEIROS DE ALJUSTREL

Recebemos o vosso officio, vamos entregá-lo ao Conselho Juridico para vos responder. Em referência à importância que dizeis nos enviastes, não recebemos ainda.

Evadida do hospital

Da enfermaria-depósito do Hospital de São José evadiu-se ontem à tarde, Rosa Luisa dos Santos, de 25 anos, albergada 2009 da Albergaria de Lisboa, e que ali dera entrada em 22 de Julho, último.

Do estatuto confederal

CAPITULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º—A Confederação Geral do Trabalho constituir-se-á com os seguintes objectivos:

1.º—O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º—Desenvolver, fora de toda a escola politica ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato; e posse de todos os meios de produção;

3.º—Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum intelligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

Á «Batalha» na provincia e arradores

Olhão

Declarações dum prêsso pelo mesmo motivo de Júlio Baptista

OLHÃO, 9.—Alguns cousa mais poderemos hoje expôr, devido aos informes duma outra vítima das animosidades do gerente Vagueiro.

Prêsso igualmente por desconfiança, Fernando de Figueiredo, melhor que outra criatura, estaria indicado para bem informar os leitores de A Batalha e derramar luz neste tenbroso crime.

Interrogado pelo Cantaros acerca do facto, declarou nada saber. Como esta resposta não agradasse ao selvagem policia, este furioso, meteu-o na prisão-segreto, ameaçando de morte caso não dissesse. Onde Júlio Baptista havia escondido o roubo. Indignado por esta attitudé do policia, Fernando Figueiredo, observou que ainda tinha individualidades de destaque a quem se dirigisse relatando a sua attitud



O II Congresso da Indústria de Tanoaria

ocupa-se da greve dos mobiliários de Guimarães e aprova um protesto contra as deportações

Antes de encerrada a 4.ª sessão, é abordada a greve dos mobiliários de Guimarães, sendo apreciada a sua atitude heroica em defesa do regime das oito horas.

Tavares Adão apresenta um protesto contra as deportações de operários sem julgamento e propõe para que se envie telegramas: um ao ministro do Interior reclamando o imediato regresso dos deportados, e outro de saudação aos presos por questões sociais, e especialmente a Nunes Canha e Lúcio dos Santos, vítimas do seu dever e componentes da indústria.

A 5.ª sessão é presidida por António Joaquim dos Reis, secretário por Joaquim Domingues Couto e Manuel Pereira de Azevedo. Verificando-se a presença de todos os sindicatos, Tavares Adão lê a tese *Caixas de subsídio na doença e reforma para os operários da indústria de exportação vinícola*, com as seguintes conclusões:

1.ª — Que os Sindicatos ou Associações que constituem a indústria vinícola, só ou em conjunto, conforme as conveniências e facilidades na respectiva localidade, procedam à constituição de *Caixas de subsídio na doença e reforma na incapacidade* para os seus respectivos componentes que laborarem, segundo estatutos especiais e com administração cuidadosamente seleccionada no organismo ou organismos da confiança da população associativa.

2.ª — Que as Caixas de Subsídios na doença e Reforma para operários da Indústria de Exportação Vinícola sejam subsidiadas pelo patronato no quantitativo de 350 por semana e por cada operário ou trabalhador ao seu serviço.

3.ª — Que os organismos ponham em prática, segundo a melhor conveniência para a instituição, o processo de cobrança pelos associados e entidades subvencionadoras, coordenando a Federação estes trabalhos.

4.ª — Que os organismos empreguem os meios indispensáveis no sentido de fazer reivindicar no mais curto prazo de tempo esta reforma.

Terminada a leitura, Tavares Adão reconhece que as características da tese não estão muito em harmonia com as doutrinas da nova organização sindicalista revolucionária. Contudo, ela é apresentada em virtude de constituir uma antiga aspiração de três classes de Lisboa.

Relatore-se ainda à Caixa de Solidariedade do seu sindicato, que tem umas características não muito semelhantes às da tese. Foi estabelecida para se terminar com o espectáculo vergonhoso das constantes subordinações que circulavam pelas oficinas, estendendo-se os seus subsídios, não só aos delictos sociais, como aos doentes, etc.

Francisco de Sá não discorda da tese, no entanto, nota certas dificuldades em se obrigar os patrões a pagar a sua quota parte para as Caixas de subsídio, tanto mais que eles até se obstinam em não quererem reconhecer os sindicatos profissionais.

Pergunta como é que no sul poderão obter uma tal praticabilidade da tese. Tavares Adão diz que ela se conseguirá por meio de um acordo entre operários e industriais, se for possível. Caso contrário, achar-se-á há coarctação o resultado das negociações, empregando-se para aquela aspiração o que se costuma usar para o aumento de salário, por exemplo.

Francisco de Sá alude ainda ao facto de haver alguns patrões ingleses que se recusam, certamente, ao pagamento da cota estipulada. Depois salienta a hipótese de haver operários naquelas casas que possam estar sindicados e em dia. Sendo assim, eles têm direito aos mesmos benefícios da Caixa, quando os seus industriais nada concorrem.

Tavares Adão dá largas explicações, dizendo, em síntese, que todos esses e outros inconvenientes serão resolvidos de harmonia com a regulamentação que se venha a fazer para o bom funcionamento das Caixas.

Nesta altura, são lidos dois telegramas de saudação ao Congresso, um do Grupo Anarquista «Luís Michel» e outro do Centro Feminista «Educação Social».

Francisco Ferreira extranha que as Caixas não tornem extensivos os seus subsídios aos presos por questões sociais. Não faz sentido que a sua colectividade profissional possua uma instituição de solidariedade para os doentes e para a velhice e não alargue essa mesma solidariedade a aqueles que possam estar a apodrecer nas prisões, em virtude de lutar pelo bem estar técnico, moral, social e económico da sua classe.

Incluído na tese este alargamento necessário de solidariedade, os patrões estarão dispostos a contribuir para ela?

Apresenta também o caso de ter, por qualquer circunstância, de sair dum patrão contribuinte e ir para o serviço de um outro que não cotize.

Ficará com os meus direitos?

Tavares Adão, depois de dizer que se derá a verificação da regulamentação que se der à Caixa, esclarece que a solidariedade aos presos por questões sociais não foi incluída na tese, porque se o fosse os patrões nada concorreriam.

Manuel da Silva Campos, secretário da C. G. T., cita as Caixas de Pensões e Reforma dos Ferrovários do Estado, Carris e outras corporações trabalhadoras, e salienta o facto dos ferroviários lutarem para conseguir a administração directa da sua Caixa de Pensões, verificando-se nisto um espírito revolucionário.

Os sindicalistas não são, em absoluto contra as cooperativas e instituições de auxílio mútuo, desde que elas estejam dentro de certas regras. As suas administrações devem estar, por assim dizer, à parte da organização, embora os sindicatos, a Federação exerçam a sua natural fiscalização. Infelizmente, porém, tem-se visto que essas administrações têm tirado certos elementos precisos à boa marcha da organização, e daí o seu amolecimento, constata-se, depois, que aquelas colectividades cooperadoras e de auxílio nem por isso desenvolveram o sindicalismo; a acção de luta de classes.

As caixas preconizadas na tese devem, pois, ser montadas de forma a que não desviem do seio da organização vinícola os seus melhores militantes, porque uma vez integrados na sua gerência eles não podem dar aquele esforço indispensável que os sindicatos e a Federação requerem para o seu desenvolvimento. Uma vez lá, têm de dedicar mil e uma atenções para mil e uma coisas: têm de ver se este e aquele têm direitos à reclamação do seu subsídio; se aquele outro está de facto doente; se o médico, na hipótese de o vir a ter, cumpre ou não com as suas obrigações; têm enfim, de pensar nos progressos da nova instituição, de resolver questões que surgem etc. Isto quasi sempre cria atritos, desinteligências, desgostos. Ao cabo de tantos esforços, vê-se muitas vezes isto: aqueles que saíram dos seus sindicatos para a administração das Caixas ou cooperativas, retiraram-se aborrecidos e não mais voltaram aos seus organismos profissionais de onde saíram.

A tese é aprovada por unanimidade, depois de terem ainda usado da palavra as camaradas Emílio Rodrigues e Faustino Ferreira.

Segue-se a tese, da Comissão Organizadora: *A capacidade fixa e oficial a adoptar no vasilhame destinado à exportação vinícola em Portugal* — cujas conclusões são do seguinte teor:

1.ª — Que a federação de indústria inicie desde já uma intensa agitação no seio das classes interessadas e na imprensa, bem como junto do governo para que seja decretada a fixação de capacidade em litros a adoptar nos diversos tipos de vasilhas destinadas à exportação vinícola.

2.ª — Que a fixação de litragem a adoptar no vasilhame e seus respectivos tipos característicos sejam os seguintes:

Pipas — capacidade fixa.....	500 litros
Meias pipas — capacidade fixa.....	250 "
Quartos de pipa — capacidade fixa.....	125 "
Quintos — capacidade fixa.....	100 "
Décimos — capacidade fixa.....	50 "
Vigésimos — capacidade fixa.....	25 "
Quartola, tipo Bordeus.....	600 "

3.ª — Que os Sindicatos, Seções de Sindicatos e comités de oficinas iniciem imediatamente uma intensa propaganda em relação dos trabalhos da Federação no sentido de ser a 2.ª conclusão transformada em decreto de lei.

Faustino Ferreira fundamenta a razão de esta tese no facto da variedade da capacidade de litragem concorrer grandemente para a crise de trabalho na tanoaria. A multiplicidade de capacidade e tipos de vasilhame ocasiona, como as considerações da própria tese indicam, graves prejuízos para o operário, que não labora nas épocas que a exportação folga, visto que o industrial não pode mandar fabricar por desconhecer a capacidade que o cliente deseja.

Eduardo Domingues combate a tese porque ela vem prejudicar os componentes da colectividade que representa, visto que na terra onde trabalha a capacidade mais usual que se fabrica é de 80 e 42. Isto por um lado; pelo outro, entende que ninguém pode obrigar um exportador estrangeiro a empregar uma capacidade que ele pode muito bem não querer.

Tavares Adão, entre outras considerações, diz que não deve haver a preocupação de preços, atendendo a que foi aprovada uma tese que estabelece o regime da jornada diária.

Francisco de Sá defende a tese e António Joaquim dos Reis discorda dela, porque, para uma vez abolida a empreitada, tanto faz para o operário fabricar grandes como pequenas vasilhas.

Depois de Eduardo Domingues e Faustino Ferreira voltarem a falar, Tavares Adão justifica a seguinte proposta:

«Atendendo a que a tese referente à fixação da capacidade do vasilhame contém matéria que alguns organismos julgam impraticável, proponho que a mesma baixe à C. A. da Federação, para que ela, por sua vez, a submeta à apreciação dos organismos interessados, a fim de, com maior segurança, se proceder à sua praticabilidade».

Aprovada esta proposta, por José Rodrigues é lida a tese da direcção do Sindicato dos Mecânicos em Madeira do Ramo de Tanoaria de Lisboa — *As atribuições profissionais na indústria e a solidariedade*, tendo as conclusões seguintes:

1.ª — Que o congresso reconheça como legal e integra nos princípios sindicais revolucionários, as modalidades da organização existente de todas as células constitutivas da Federação Sindical da nossa indústria.

2.ª — Que a partir de já fique convencionalmente que os componentes das diversas especialidades de profissão da nossa indústria, não possam transitar de uma para outra sem ser por intermédio do respectivo bolsim de trabalho.

3.ª — Que o Sindicato dos mecânicos em madeira do ramo de Tanoaria de Lisboa, promova a sindicalização dos tanoeiros que estão trabalhando com máquinas no seu respectivo sindicato (dos mecânicos) considerando-se de futuro unicamente mecânicos profissionais.

4.ª — Que quando dadas as circunstâncias de existir «deficit» de operários em qualquer das especialidades profissionais desta indústria, recrutará do respectivo sindicato, os operários necessários no sindicato da indústria imediatamente mais próximo nas afinidades de profissão.

5.ª — Que todos os sindicatos enviem o mais rapidamente possível à Federação o limite da especialidade de trabalho que executam, a fim da Central dos Sindicatos da Indústria pautar as mesmas especialidades de trabalho, tornando-as privativas dos seus respectivos componentes.

Esta tese é profissionalmente debatida com calor, em consequência dos mecânicos em madeira de Lisboa pretenderem a sindicalização, no seu sindicato, dos tanoeiros que estão trabalhando em máquinas, e os tanoeiros do Porto e Gaia desejarem que os mecânicos actualmente existentes e que não sejam tanoeiros o procu-

PROPAGANDA SINDICAL

Construção Civil de Távira

Espera-se a sua adesão à federação respectiva

TAVIRA, 9. — Promovido pela secção de propaganda da construção civil, realizou-se hoje, pelas 16 horas, um comício de propaganda sindical.

Manuel Teodoro lamenta que os operários tenham preferido, na sua maioria, a festa de Santa Maria, ao comício. Explica a utilidade e vantagens da associação, afirmando que isolada nada vale e pode contra os seus adversários. Termina apelando para que os operários da indústria da C. Civil deem a sua adesão à federação respectiva.

Augusto Cesar da Silva historia a guerra europeia, afirmando que os povos só lucram com ela a fome e a miséria. Corrobora o que foi dito pelo orador antecedente.

Foi aprovada em princípio uma moção protestando contra as guerras e contendo a conclusão seguinte:

«Que o sindicato da construção civil de Távira de imediato adote a sua adesão à federação de indústria».

A moção ficou para ser apreciada pelo referido sindicato, havendo a convicção que será ratificada a sua aprovação. — E.

Em Ribeira Branca

constituiu-se um sindicato que dá a adesão à C. G. T.

TORRES NOVAS, 12. — Com regular assistência realizou-se no dia 9 do corrente a sessão inaugural do Sindicato da Ribeira Branca e arredores (concelho de Torres Novas).

Manuel Joaquim de Sousa, delegado da C. G. T. refere-se sucinta mas claramente à origem da propriedade; estabelece um paralelo entre a situação do trabalhador e a do seu explorador.

Condena a sociedade actual tal como está constituída e simultaneamente o militarismo e os políticos de todos os matizes. A seguir lê os estatutos e explica minuciosamente a letra dos mesmos, ficando estes para serem discutidos e aprovados na próxima assembleia geral.

Como a lei não autoriza a constituição de Sindicatos Mistos, e como a maioria dos trabalhadores inscritos fossem rurais, ficou organizada uma Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais da Ribeira Branca e arredores em substituição do Sindicato Misto.

Na aludida Sessão foi resolvido aderir à C. G. T. e que a quota a cobrar seja de \$50 semanais por cada sindicato.

Reina grande entusiasmo entre os trabalhadores desta localidade e povoações circunvizinhas pela constituição do respectivo Sindicato. — C.

rem ser, por nisto haver vantagens para as duas partes.

Como a Associação de Classe dos Operários Tanoeiros e Serradores Mecânicos do Porto e Gaia tem uma moção de ordem naquele sentido, Faustino Ferreira quer que a tese lida e discutida conjuntamente com a tese em debate, sendo aprovado.

Da moção de ordem destacamos as suas conclusões:

1.ª — Que a comissão administrativa da Federação da indústria vinícola portuguesa, de harmonia com os sindicatos seus aderentes, desenvolva a necessária agitação no sentido de se conseguir no mais curto prazo de tempo que nas máquinas sejam de futuro empregados apenas operários profissionalmente tanoeiros.

2.ª — Que envie rapidamente a todos os industriais de tanoaria uma circular prevenindo-os de que desde a data que fixar, de acordo com a primeira conclusão, não podem admitir operários para as máquinas que não sejam tanoeiros e como tal reconhecidos pelos conselhos técnicos dos respectivos locais.

3.ª — Que os sindicatos aderentes à respectiva Federação da Indústria Vinícola Portuguesa, procurem fazer cumprir a circular de que trata a conclusão anterior, indo para isso até onde as circunstâncias o exijam e as condições revolucionárias dos seus componentes o permitam.

4.ª — Que a comissão administrativa da Federação, conjuntamente com os conselhos técnicos dos sindicatos seus aderentes, procure fazer compreender aos mecânicos em esta data existentes e que não tanoeiros, a vantagem que têm em o ser e que sem prejuízo material, devem aproveitar a escola profissional a criar pela tese *A Instrução e a Aprendizagem na Indústria de Tanoaria em Portugal*, habilitando-os assim a pôrem-se dentro da matéria desta moção e a gozarem, portanto, as suas importantes vantagens.

Faustino Ferreira, em virtude de alguns mecânicos de Lisboa terem dito que aquela moção de ordem tinha sido escrita na capital, declara que ela foi elaborada pelo Sindicato de Gaia e não pelo de Lisboa.

Os delegados do Sindicato de Gaia corroboram aquela declaração, provando-a com o original da moção e outros documentos.

O representante do Sindicato dos Mecânicos de Lisboa afirma não ter conhecimento de que os seus camaradas tivessem dito que o citado documento fosse feito na capital.

A seguir foi a sessão levantada, para ser reaberta às 16.30.

Usam da palavra, entre outros, Manuel Silva Campos, para elucidação; José da Silva Barros e Francisco de Sá, defendendo a moção; José de Oliveira Neto, atacando a moção, pois entende que cada qual deve exercer a sua profissão, e o representante dos mecânicos de Lisboa, advogando os pontos de vista da tese. Por último, Faustino Ferreira apresenta a seguinte proposta, que é aprovada:

«Atendendo a que estão presentes neste congresso duas teses respeitantes aos mecânicos de Lisboa e Gaia;

Atendendo que o Congresso não pode aprovar duas teses no mesmo sentido, o Congresso resolve:

1.ª — Que as duas teses baixem ao Conselho Federal para elaborar um parecer tendente a englobar numa só as duas teses; 2.ª — Que esse parecer seja enviado aos sindicatos interessados a fim de que seja apreciado nas respectivas assembleias gerais e pôsto em execução conforme as resoluções tomadas, tendo sempre em atenção o interesse geral de todos os mecânicos e o futuro dos próprios

PELOS MINEIROS

O Feudo de Aljustrel

A pacífica e laboriosa vila de Aljustrel continua a ser feudo da empresa exploradora das minas locais. Não se apagou, por certo, da memória pública o último e grande movimento grevista de Aljustrel, luta que sensibilizou toda a gente de coração e sentimentos elevados, pela maneira activa com aqueles trabalhadores obscuros souberam responder às afrontas dum tirano, representante da firma belga que em exploração procede como — e de facto — em país conquistado.

Foi bem a materialização da revolta tão bem descrita pelo génio de Zola, em que os escravos do sub-solo souberam revoltar-se contra o espinhamento moral e físico a que o despotismo os votara.

Luta perene de sacrifícios, cheia de passagens emocionantes, ocasionou uma das mais belas demonstrações de carinho e solidariedade entre trabalhadores. O povo de Lisboa viu, então, esse cortejo luso-queiroz dos filhos dos mineiros, crianças esqueléticas, esfarrapadas, que vieram acolher-se nos braços doutros operários que com eles repartiram gostosamente o pão sublime da solidariedade.

Recordar esta fase das lutas operárias contemporâneas, aflição-nos, pela revolta de que somos possuídos contra a alcatéia ainda hoje dominante, e cujos privilégios só a ignorância e a cobardia da maioria assalariada consente.

Aljustrel, porém, não mudou. O despotismo impera ali hoje como ontem.

A empresa das minas tem em Aljustrel um director tirânico. Os empregados dali, organizados, queixam-se amargamente à Federação de que o sobe da mina prossegue, como quando da greve, na sua função infame de verdugo. A auxilia-lo nos seus fins nefastos, tem uns encarregados cobardes e maus que, meio pela persuasão meio pela violência, mas valendo-se da miséria ali campeante, forçam os escravos das minas a aceitar horas suplementares, com a promessa da paga a dobrar. Conseguidos os seus objectivos, estabelecido o horário abusivo, o director tirano faltou ao compromisso e aqueles trabalhadores em vez de maior salário obtiveram como resposta que a lei das oito horas não está em vigor... Uma verdadeira vergonha!

Protestaram os interessados, e os capatazes entorçaram uma espécie de *padre nosso* que o director lhe, ensinou, — que só um mês depois obteriam a regalia do novo horário.

A infâmia, porém, não ficou por aqui. O dono de Aljustrel, afrontosamente, busca confundir e dividir os seus escravos para melhor os espancar.

A um reduzido número aumentou-lhe os salários e foi à grande maioria e diminuiu-lhe os já escassíssimos proventos, tornando-lhe a situação de má que já era, em cruetante.

Mas, os maneios torpes do ditador belga tem ainda outro fim: a desmoralização do organismo sindical, processo jesuítico usado através de sempre pelos usurpadores dos direitos dos operários.

Há dias, essa fera de forma humana! chegou a saltar por uma janela da central eléctrica, de pistola em punho ameaçando os que ali, com o seu suor, lhe garantem a situação principessa que disfruta.

E, que fazem as autoridades? Calam e consentem. Aljustrel não parece uma vila portuguesa mas sim uma roça belga, onde não há leis, nem direitos, nem respeito por quem produz.

Alguém deve velar pelo que se passa com os mineiros. A revolta ali fermenta e um dia explodirá. Compete à organização operária estar atenta, disposta a fazer sentir a sua solidariedade para com as vítimas que, naquela vila alentejana, sofrem os efeitos dum luta mal fundada e cuja causa nos merece simpatia.

Por enquanto, daqui lançamos, para que ecoe junto do tirano dos mineiros e dos seus sequeiros, o nosso protesto contra a reacção internacional da rapina organizada.

A Federação Metalúrgica

INTERESSES DE CLASSE

Os empregados de Hotéis, Restaurantes e Cafés de Coimbra

estão abandonando criminosamente as regalias que lhe pertencem

Porque de há um tempo a esta parte temos acompanhado o caminhar da organização operária desta cidade, tomando parte activa na sua vida e dando-lhe o mais que podemos do nosso esforço — sempre que constatamos um esquecimento dos seus deveres de parte daqueles a quem ajudamos e desejamos mais emancipados, isso é para nós motivo de tristeza.

Porém essa tristeza é rápida, como não podia deixar de ser — procurando nós logo que o remédio preciso para o mal constatado desapareça, para bem dos que previcamos, ainda que levados por motivos alheios um pouco à sua vontade, e para que a organização operária caminhe o mais possível num sentido progressivo.

Ora o caso é o seguinte: a classe dos empregados de hotéis, restaurantes e cafés, desta cidade, há pouco mais de dois meses andou empenhada em ver respeitado o descanso semanal que lhe pertencia. E, após algumas diligências, efectuadas com a minha pessoa como delegado do Comité de Propaganda Confederal, o descanso começou de ser cumprido.

Duas ou três casas, porém, as de sempre fugidas ao cumprimento do seu dever, não cumpriram.

E, neste caso, quando todos se deviam unir e tornar mais fortes, para vencer os *relapsos* patrões, as *démarches* e reuniões da classe acabaram, estando outra vez a perder-se o pouco que se tinha conquistado.

Pode isso tolerar-se? Decerto que não tanto mais que a classe não reúne porque a comissão de *démarches* não queria mais por simples capricho de alguns componentes da direcção que se não importam e que urge serem chamados à razão para que os interesses da classe mais uma vez, calçados pelos patrões possam ser reivindicados de vez e para sempre.

Adolfo FREITAS

(do Comité de Propaganda Confederal de Coimbra)

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

A mesquinhez dum lavrador de Saborro

SIBORRO, 9. — Os lavradores parece andarem empenhados em cada vez mais lançarem a revolta no espírito dos mais.

José Joaquim de Almeida, que aqui possui 7 herdades, todas bastante extensas, tem apenas ao seu serviço 16 trabalhadores.

Há pouco mandou o seu encarregado arranjar mais dois trabalhadores, oferecendo-lhes o ridículo salário de 8\$00. Como se isto não fosse já escarnecer demasiado dos que só do seu trabalho vivem ainda láhas tirava uma velha regalia, e de largarem ao sábado com uma hora de sol e pegarem segunda-feira com outra de sol.

E isto porque a crise de trabalho é grande e os trabalhadores ainda se não dispuseram a usar de meios energéticos para se fazerem respeitar.

A situação em Silves

SILVES, 9. — E' assustadora a crise de trabalho que os trabalhadores desta localidade estão sofrendo, principalmente os corticeiros, que já há bastante tempo lutam com a miséria que tende a alastrar. — C.

Melhoramentos nos cemitérios

Na sessão de ontem da comissão executiva da C. M. L. foi apresentada pelo sr. Raúl Caldeira a proposta do teor seguinte que é aprovada ficando porém a sua resolução sujeita à apreciação da Câmara:

«Considerando que achando-se esgotada a verba do empréstimo para obras, construções de ossuários, jazigos municipais e vedações dos cemitérios da cidade;

Considerando que embora muitos desses trabalhos já estejam concluídos outras há, tais como a muralha de Chelas, construção do muro de vedação do 1.º cemitério confinante com a rua Morais Soares, que ainda se acham por concluir;

Considerando ainda que, sendo indispensável a conclusão desses trabalhos visto que no próximo inverno as chuvas não só derreteriam parte desses muros mas arrastariam também as terras do 1.º cemitério para a estrada de Chelas, proponho:

Que fique autorizada a Comissão Executiva a pedir ao Senado Municipal a necessária autorização para contrair com a Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 600.000\$000 para a conclusão desses trabalhos».

Indústria de calçado

Lavra na indústria de calçado grande crise de trabalho, que tem originado em contrarrem-se alguns milhares de operários em «chômage», em especial no norte do país.

A respectiva Federação, acompanhada de uma comissão do S. U. do Porto e outra de Oliveira do Douro, entregou hoje às entidades competentes uma reclamação tendente a atenuar a crise.

Hoje, pelas 21 horas, reúnem os operários desta indústria no S. U. do Porto, devendo a Federação reunir o seu conselho federal para novamente occupar-se do assunto.

Operários das Obras do Estado

Os delegados do S. U. da Construção Civil procuraram ontem o administrador dos edificios publicos e monumentos nacionais junto de quem trataram da situação dos operários que ainda não foram readmitidos nas obras do Estado.

Para dar conta destas «démarches» efectuadas ontem, reúnem hoje os delegados e os operários licenciados, na sede deste organismo, pelas 13 horas.

PELA ORGANIZAÇÃO MARITIMA

A hora da derrocada ainda não souo, por muito que isso pese a certa gente

Recebemos, com o pedido de publicação, a carta seguinte:

«Senhor Director:—Tendo conhecimento pelo jornal *A Batalha* de que a Federação Marítima suspendeu as suas relações com a Confederação Geral do Trabalho, admirado lamento que nesta hora grave para o proletariado se deem tais *désavenues* entre organizações operárias de qualquer espécie.

Em vez de o proletário se unir numa comunhão de ideias combatendo o capitalismo, alguém, sem o verdadeiro sentimento operário, deseja a desunião para assim ver talvez a derrocada de toda a organização operária.

A que obedece esta desigualdade entre trabalhadores que lutam contra o mesmo inimigo que é o explorador?

Para que queremos nós, trabalhadores, este ou aquele ideal, aderindo aqui ou ali, se o nosso verdadeiro ideal é combatermos aqueles que, a esta hora, de contentes esfregam as mãos, julgando a caminho da derrocada fatal de todo o organismo operário?

Não, nós trabalhadores do mar, não queremos isso. Nós, habituados ao sol ardente e às tempestades que a natureza nos oferece, não consentiremos que quem quer que seja desta ou daquela cor, faça de nós joguete arremessando-nos à mercê das suas vis aspirações.

Convencido estou que a Federação dos Trabalhadores Marítimos muito brevemente conhecerá o seu erro, e sentirá então o remorso de ter causado a desarmonia entre os sindicatos que a compõem.

Então, nós sabermos impôr-nos protestando e chamando à responsabilidade os donos da organização marítima.

Convencido estou que alguns Sindicatos Marítimos continuarão como até aqui a fazer uso dos selos de cobrança da C. G. T. não se deixando iludir por objectivos de Internacionais Sindicais vermelhas ou amarelas. — De v. obg. etc., Carlos de Oliveira Faneiro (fragatário sindicalizado).

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição — Preço 2\$00, pelo correio 2\$30. Devidos à administração de A BATALHA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Carpinteiros Naveia. — Esta classe aprovou em assembleia geral extraordinária uma Moção que dá princípio à formação do Sindicato de Indústria da Construção Naval do distrito de Lisboa com o fim de estreitar relações económicas e sociais com os seus componentes e outros sindicatos.

Aprovou a greve geral dentro da Parceria dos Vapores Lisboenses pelo motivo do seu director não ter cumprido com as promessas feitas a esta classe.

Também se preocupou com a aprovação do regulamento do seu cofre de resistência o qual dá assistência aos camaradas quando em greve ou ainda presos por qualquer questão social.

Manufactureiros de Calçado. — Reúnem ontem em assembleia geral para se occuparem da moção pendente da última assembleia geral cujas conclusões foram publicadas. O proponente esclareceu não haver motivo para a apresentação desse documento, pelo que foi retirado. Ficou para apreciação na próxima terça-feira a circular da C. G. T. referente ao Congresso Confederal.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE.

Federação Ferroviária. — Pelas 14 horas a comissão executiva para continuação dos trabalhos pendentes da última reunião.

Impressores Tipográficos. — Pelas 20.30, em assembleia geral, com o seguinte ordem de trabalhos:

1.ª — Apreciar a circular n.º 49 da C. G. T. e eleger em conformidade com a mesma 1 ou 3 delegados directos ao Congresso Confederal, que se realiza em Santarém nos dias 23, 24, 25 e 2